



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 02 | N°. 4 | Ano 2021

Yuri Manuel F. Agostinho

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Cinthia Nolácio de Almeida Maia
cinthianolacio@yahoo.com.br

REALIMENTAR AS NARRATIVAS SOBRE O CONTINENTE AFRICANO NO PRESENTE E RECRIAR A IMAGEM DO PASSADO: TAREFAS DE UM VIAJANTE

REALIMENT THE NARRATIVES ABOUT THE AFRICAN CONTINENT IN THE PRESENT AND RECREATING THE IMAGE OF THE PAST: TASKS OF A TRAVELER

RESUMO: O objetivo deste artigo vai em torno de mostrar que as narrativas provenientes do passado do continente africano, quando são manipuladas criam regimes de imagens. Didi-Huberman, ao trazer questões que vão em torno do figurar a vida através de símbolos e a produção da imagem a partir do sentido que uma determinada palavra pode adquirir, permitiu que avançássemos para o desdobramento em torno de um entendimento por um lado sobre narrativas, e por outro lado sobre a imagem do passado do continente. O resultado deste entendimento mostrou-nos que, quando as narrativas do passado do continente africano são realimentadas a partir do fluxo na temporalidade, estas disposições criam regimes de imagens na qual já não colocam África presa numa torre de marfim. Logo, o que se vê hoje é uma recriação de imagens do passado sobre o continente.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; temporalidade; África; Imagem

ABSTRACT: The aim of this article is to show that when narratives from Africa's past are manipulated, they create regimes of images. Didi-Huberman, by raising questions about the figuration of life through symbols and the production of images based on the meaning that a given word can acquire, allowed us to move towards an understanding of narratives on the one hand, and the image of the continent's past on the other. The result of this understanding showed us that when narratives of Africa's past are fed back into the flow of temporality, these dispositions create regimes of images in which Africa is no longer trapped in an ivory tower. So what we see today is a recreation of past images of the continent.

KEY WORDS: Narratives; temporality; Africa; Image

REALIMENTAR AS NARRATIVAS SOBRE O CONTINENTE AFRICANO NO PRESENTE E RECRIAR A IMAGEM DO PASSADO: TAREFAS DE UM VIAJANTE.

YURI MANUEL FRANCISCO AGOSTINHO ¹

É preciso realimentar as narrativas no presente, se por acaso pretendermos compreender o passado a partir do presente.

A condição do passado é sempre determinada pela nossa condição no presente. O passado não volta, não retorna como ele foi, ele é determinado pelas condições, como é lido, como é revisto, como é demonstrado, ele é sempre anacrônico, porque ele vai encontrar várias camadas temporais. O presente é sempre rasgado pelas memórias, e pelo futuro que ele promete. Depois de uma historiografia imperialista que estava a por uma nuvem continuamente sobre a história africana no século XIX e parte do XX, posteriormente nascem historiografias compensatórias², cuja às narrativas provenientes destas historiografias devem ser trazidas para o presente, a partir de uma realimentação entre: (i) o presente passado; (ii) passado presente; (iii) presente futuro, são três dimensões temporais que Koselleck (2014) afirma se conjugarem na presencialidade da existência humana.

Precisamos destas narrativas no presente para podermos fazer experimentos no campo social e dar continuidade na luta e na afirmação do lugar de África como espaço que agrega diversidades, “onde a primeira identidade que se estabelece no continente africano é o povo” um elemento que Lima (2018) aponta como uma chave de muitas, para quem quiser compreender o continente africano. Horton a partir de uma filosofia da história - (1969) vai nos dizer que:

Roma não foi construída num dia; o orgulhoso reino na Europa foi antes um estado de barbárie talvez pior do que aquele que existe entre as tribos que encabeçaram os habitantes da costa ocidental de África; é isto é um axioma incontornável de que o que foi pode voltar a ser feito. Todavia, se a Europa, tiver sido atingida no seu firmar de civilização pelo avanço progressivo, também a África, com a garantia de civilização do norte, crescerá com igual importância (HORTON, 1969, p. 1).

O que quer dizer Horton (1969)? As narrativas de Horton (1969) ganham sentido e produzem imagens a partir das palavras inscritas na temporalidade, por isso é possível encontrar

¹ Professor da Faculdade de Artes – Universidade de Luanda. Mestre em Ensino de História da África pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda - (2016). Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Dept. de História, 11. andar, Av. da Arquitetura, s/n, CEP: 50740-550, Cidade Universitária, Recife-PE, Brasil. E-mail: yanessanguifada@gmail.com

² Modernista e a tradicional, sobre estas historiografias compensatória, ver: ZELEZA, 2003.

nelas várias camadas. A narrativa do africano Horton (1969), assim como outras, podem ser problematizadas no presente, a partir de diálogos performativos; ela pode ter a função de dar outro sentido sobre o passado; mas nós no presente precisamos dessas narrativas? As narrativas sobre o passado africano se traduzem em imagens no presente, se por acaso, formos capazes de retirar nelas conceitos que nos permitem dar um outro sentido ao passado que já não pode ser o mesmo, porque ele já se foi com a correnteza turbulenta do rio.

Quando viajamos na cápsula do tempo em busca de narrativas sobre o passado africano, as narrativas que encontramos ao longo da historiografia ou nas fontes, servem de linhas condutoras e as imagens são os vagões que intermediam na temporalidade, a partir dos fluxos e refluxos da memória e da história. Mas articular o passado é mesmo assim, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”, significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1987, p. 224). As narrativas do passado sobre o continente africano, quando reproduzidas no presente, carregam o sentido de anterioridade e continuidade das civilizações africanas, o sentido de pertença, o sentido de diversidade, o sentido de combate ao racismo e o sentido de apoio aos grupos reivindicam África como “lugar de origem”. Não sou contra estas reivindicações, aliás, somos livres de escolher, onde e quando acoplar a nossa identidade. Mas a palavra como parte constituinte de uma narrativa, reconfigura e cria um sentido retroativo no tempo, ou seja, o passado alimenta o presente e o presente alimenta o passado, é o que Sahlins (2008) afirma:

O passado, preconiza ela, está sempre conosco. De uma perspectiva estruturalista, nada é mais simples que a descoberta de continuidades de categorias culturais como modos de interpretação e de ação: as celebradas ‘estruturas de longue durée’ (SAHLINS, 2008, p. 28).

Se pegarmos as narrativas do passado do continente africano e transformá-la em “pigmentos”, podem servir de condimentos para pintarmos um quadro no social, revestido por várias representações e interpretações, daquilo que foi e daquilo que aconteceu com a África. Ver o que aconteceu com a África no passado seria uma bela obra de arte, qual seria o enquadramento desta imagem de África, em que arte se enquadraria? Numa arte abstrata? Numa arte nova ou numa arte moderna? Mas, Eduard Blayd, ao ver vários quadros repletos de imagens do passado sobre o continente africano; ele não hesitou, por isso, foi perentório em dizer que “normalmente quando você olha a história do mundo e ver com o que aconteceu com à África,

normalmente à África deveria estar morta, mas ela não morreu”, quer dizer, ela foi capaz de recuperar a situação para continuar a viver até hoje.³

Nós precisamos sim de avançar e deixar esta imagem do passado no passado, mas é necessário sempre olhar para atrás para podermos avançar, olhar para atrás é uma condição para o pássaro Sankofa poder levantar o voo, um provérbio agregador que não fica preso no presente, ele demonstra dinâmicas de movimentos, por isso, nós precisamos destas narrativas, por elas serem intermediadoras no presente, por um lado, e por outro lado, por representarem um elo de ligação entre o simbolismo do passado instalado no presente.

O significado dos antepassados fundadores, permitem que nós no presente, acessamos e decodificamos imagens do passado que estão na superfície do presente. Sem meios, sem imagens, sem vestígios, não seria possível falar do passado do continente africano. Neste contexto, recriar a imagem do passado do continente africano é dar outro sentido do passado no presente, um exemplo de recriar a imagem de África no presente, está patente no enredo do filme *Um Príncipe em Nova Iorque*. Qual é a imagem de África que podemos visualizar, a partir de vários cenários no filme? Se por um lado a historiografia lançava nuvens a história do continente africano, como vimos no princípio da nossa abordagem, hoje o quadro é diferente; hoje o cinema já consegue trazer outra imagem do passado de África, fazendo usos do passado, dando outro sentido sobre o passado e a história do continente; seria para os africanos uma vitória?

É uma questão para refletirmos, mas é importante recordar das palavras de Koselleck (2014) em *Estratos do tempo: estudos sobre história* aclara que existe uma história que é feita pelos vencedores, que talvez consigam sustentá-la num curto prazo de tempo. Mas esta história não pode ser dominada em longo prazo, uma vez que os vencedores não têm interesse em tratar dela. A narrativa proveniente desta história é elaborada para um curto período, convergindo na sequência de eventos que, graças à sua ação, lhes proporcionaram o triunfo. Por outro lado, temos a história dos derrotados, que é inversa, ou seja, o saber primário enquadra-se nas coisas como ocorreram, como planeadas e esperadas. O saber do derrotado abarca possibilidades de conhecimentos que transpõem as suas razões, sobretudo quando o derrotado encara a necessidade de reescrever toda a história por causa da sua própria história. Evidentemente, a derrota envolve potencialidades que vão em torno de uma imensidão com base na obtenção de conhecimentos (KOSELLECK, 2014).

Daí o apelo do Kwame Nkruma em 1962 em Acra, “agora somos independentes, vamos escrever uma nova história”. Mas qual foi o cenário para esta mudança de paradigma, ontem uma imagem de África ofuscada, hoje uma outra, essa figuração do passado permitiu que os africanos

³ Ver Elikia M'Bokolo, o historiador fala sobre legados civilizatórios da África, em: <https://www.youtube.com/watch?v=kpBjk13BH2E>

fossem entendidos de outra forma? Se a obra de arte é sempre reproduzível na sua essência, como afirma Benjamin (1987), trazer narrativas do passado de África, para o presente, estaríamos a criar um processo de reprodução daquilo que é a essência da narrativa? A imagem de uma narrativa é como se fosse, uma camada pigmentada que assegura uma parte de um quadro pintado; o passado do continente também tem as suas camadas, a narrativa quando é trasladada na temporalidade, transforma-se em imagem, daí surgem novas histórias e novas possibilidades de entendermos o passado do continente. Neste contexto, as narrativas criam espaços, lugares e percursos, por isso, Certeau (1994) “refere que os relatos atravessam e organizam lugares: eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frase e itinerários. São percursos de espaços” (CERTEAU, 1994, p.199).

Mas temos que compreender que as narrativas do passado de África ao serem transportadas de um lugar para outro, podem sofrer abalos. Mesmo quando não sofrem, devem ser sempre contextualizadas, devido a um elemento que está constantemente na vigilância dos acontecimentos no presente; a mudança e a experiência permitem que façamos uma leitura de hoje, que pode ser a mesma do amanhã; é o que Marc Bloch (2001) afirma “os acontecimentos no presente, transformam as sociedades e contribuem para que mudemos nossa forma de compreender o passado”.

Uma vez que o caminho percorrido do presente para o passado, pode ser feito em saltos, a imagem de África será sempre reproduzida, o resultado desta cópia, não vai escapar a ofensiva de uma reprodutividade; porque as imagens fazem parte de um processo de congelamento, por isso, iremos encontrar no subsolo das narrativas sobre o continente, camadas que preenchem os lugares do passado no presente; este passado como é outorgado no presente com outros juízos de entendimento, o que fica visível no solo, são as narrativas que se encontram na superfície, só com uma arqueologia na superfície, é que é possível, escavar para podermos encontrar o visível; a imagem, o rasto; foi assim que os nossos intercessores, por exemplo, encontraram imagens que eles conseguiram converter em conceitos: “séculos obscuros”, “barragens de mitos”, “roeduras”, “invenção de África”, “Mundo Atlântico” e “Aprofuturismo”.

As narrativas do passado do continente, realimentadas no presente, abrem espaços para lugares dinâmicos no presente; ir ao passado do continente é partir para uma viagem em contramão no sentido obrigatório das dimensões do tempo, é caminhar e encontrar várias: geografias, relatos, espaços, fronteiras, limites, lugares, temporalidades, signos, histórias, percursos, discursos, mapas, indicadores, descrições, itinerários, lugares abstratos, operações de demarcação, articulação de espaços, paisagens e diversas dimensões numa determinada narrativa.

Em suma, realimentar as narrativas do passado do continente é ligar fios e estabelecer passagens, por isso, todo relato é um relato de percurso; é uma cartografia, desenhando os deslocamentos constantes, onde o tempo e os lugares ocupam espaços de destaques nas narrativas, pois todo relato localiza e sinaliza a presença humana. É preciso realimentar as narrativas no presente, se por acaso pretendermos compreender o passado a partir do presente; à presencialidade do passado deve ser a cessada a partir da contemporaneidade, é preciso retornar o passado; é preciso que o historiador retorne aos fatos, é preciso que o viajante retorne ao seu ponto de partida. Precisamos de retornar ao passado a partir de uma viagem que nos leva aos testemunhos, e a partir da superfície do solo do passado, encontrar condições para podermos rachar o sentido que uma narrativa pode ser naturalizada.

Ao tirarmos narrativas naturalizadas no passado para o presente, elas devem ser realimentadas - com outras camadas, por isso, toda viagem tem os “momentos constitutivos”, como afirma Rouanet (1993) a imagem ao chegar no presente já não pode ser a mesma em relação ao seu estado inicial, por isso, a imagem realimentada do passado africano recupera os significados, como ela se constitui a partir do fato e do acontecimento, essa conjugação só pode ser entendida se por caso fizermos perguntas do passado a partir do presente.

É preciso recriar a imagem do passado, se por acaso pretendermos ir ao passado.

O historiador ao apanhar imagens no subsolo das narrativas sobre o continente africano, é obrigado a recriar as imagens do passado no presente. Logo o visível e o não visível, agenciam o social a partir das narrativas, porque são elementos que organizam uma paisagem passível de ser interpretada, por isso, o historiador deve puxar os fios, trabalhar na separação dos elementos para depois remontar os objetos; neste contexto, as imagens provenientes das narrativas, sofrem mordeduras ao longo do tempo; a partir deste ponto elas são modificadas.

Se a imagem de uma obra de arte será sempre interpretada, independentemente da sua época, as narrativas do passado do continente serão sempre reapreciadas e recriadas a partir da ótica de quem retira do seu núcleo terrestre; dimensões, camadas, temporalidades e vestígios. As narrativas do passado do continente carregam consigo grandezas e fraquezas, mas elas têm a capacidade de alimentar os lugares desaparecidos naturalmente com as mudanças. O tempo das narrativas sobre o passado dos africanos será sempre convertido num feixe de luz, onde o presente terá sempre visita do passado. Recriar a imagem do passado africano, é compreender o lugar de uma determinada imagem, que já não habita em seu lugar no passado; porque ela é constantemente incomodada pelo presente; por outro lado, ela sobrevive com ambivalências e com transformações.

O passado do continente continua a ser transformado a partir de imagens cujo peso visual é visto no presente a partir de narrativas. Para os africanos o passado é sempre vivo, mas para entender a imagem do passado africano, devemos fazer leitura a frente de um quadro criado, que se configura com a realidade e a representação do passado. Recriar a imagem do passado africano é encontrar fórmulas complexas ou simples, que permitem ler as imagens que as narrativas aprisionam sobre o passado do continente. Recriar a imagem do passado africano no presente, a partir de aportes provenientes de leituras intercessoras, que se traduzem em imagens, pode ser um artefato construído no presente; quando utilizado, permite abrir portas para conscientizar e sinalizar que o passado africano é tão rico e diversificado em termos de erudição, mas também para sinalizar que nesse passado, podemos encontrar imagens que ligam e alimentam preconceitos, estereótipos e inverdades sobre o continente no contemporâneo.

Este trânsito entre o presente ao passado permite recriar determinadas imagens do passado, mas é preciso não se contentar com a primeira camada da superfície de uma determinada imagem proveniente de uma narrativa; vários pontos de vista diante a imagem devem ser apreciados, por exemplo, devemos escavar o visível; toda imagem tem várias camadas de tempos, simbolismos, historicidade e plasticidade. O trabalho do historiador é escavar a imagem, não se preocupar com o seu fora; escavar o inconsciente que se encontra na própria imagem, ou seja, deve olhar para os achados e reconfigurar o passado da imagem. Recriar a imagem de África, proveniente das suas narrativas não é olhar ela com compaixão, mas sim, olhar ela a partir de uma ruptura, a partir de uma conexão e a partir de trânsitos, Kabou (2013) experimentou isso no seu livro *E Se a África Recusasse o Desenvolvimento*; ao “mostrar por que razão o desenvolvimento não é visível”, teve de ir ao passado rompendo conceitos enraizados e totalizantes no presente, essa ideia de romper no presente, permite ir ao passado com estranhezas, visto que as imagens do passado quando transitam as fronteiras do presente, ganham aquilo que Panofsky (1976) chama de significado factual: “É aprendido pela simples identificação de certas formas visíveis com certos objectos que já conheço por experiências práticas e pela identificação da mudança de suas relações com ações ou fatos” (PANOFSKY, 1976, p. 48).

Neste contexto, o historiador ao aceder o passado do continente africano a partir do contemporâneo, naturalmente produz uma reação, este processo permite que ele cria e recria imagens sobre o continente no presente, mas para compreender estas imagens é preciso ter sensibilidade, isso faz parte, da sua experiência com os achados por exemplo nos arquivos. O recriar a imagem do passado africano é fazer usos do passado no presente, é sair da grande noite para o dia, e a partir desta transição no tempo, estabelecer contactos com a ancestralidade, com a mitologia, com conhecimentos tecnológicos e científicos estabelecidos no continente. O recriar a

imagem do continente, não é um simples processo cheio de operações que sintetizam o processo da captura de uma imagem, vai mais além; o recriar permite dialogar com o nascimento de novas leituras. O recriar a imagem do passado de África é tomar partido de uma imagem que sobrevive na temporalidade do olhar de quem busca informação sobre o acontecido. A dimensão estética de uma imagem do passado de África atrai uma leitura provisória; com a arqueologia, os ditos e os não ditos sobressaem a partir de movimentos bruscos entre o querer e o saber do historiador, perante as camadas de imagens.

Recriar a imagem do passado africano é dar plasticidade na imagem de ontem que procura sair do passado esquecido com a escuridão do tempo, é dar luz aos pirilampos que não precisam de luz, é dar luminosidade a uma determinada narrativa, transfigurada num regime de imagem que se interessa pelo presente e carrega consigo resquícios de vestígios de tempos curtos, médios e longos. As narrativas do continente, assim como as imagens provenientes destas narrativas, sempre serão reivindicadas e disputadas, esse braço de força levará ao desconhecido e ao conhecimento da história do continente; por outro lado, as imagens passaram no triturador da máquina de dúvidas. As imagens ficaram suspensas no apêndice das narrativas, a espera dos olhares libertos da opressão de discursos homogêneos e totalizantes sobre o continente. Neste contexto, recriar as imagens do passado de África é sair da zona de conflito, é penetrar numa nova zona, é direccionar e dar novos sentidos de entendimentos sobre as narrativas de longo alcance, que permitem entrar e sair em fronteiras do passado e do presente, onde os limites são definidos por imagens que recalcam o presente, porque elas encontram-se acomodadas no passado.

A partir do presente é possível dar novos impulsos para o surgimento de novos significados sobre um determinado acontecimento, passível de reinterpretação, onde o antes e o depois, tendem a alicerçar as imagens do passado do continente provenientes de narrativas. Recriar a imagem do passado de África, seria olhar pelo choque da imagem do passado com a imagem do agora, proveniente do vai e vem do olhar do historiador, “é abrir a imagem, é romper alguma coisa, ou pelo menos fazer uma incisão, rasgar” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 185). Recriar a imagem do passado africano é apontar para os dados do presente, por isso o historiador tem o compromisso de remontar, e a capacidade de ir buscar camadas de memórias jogadas fora pelos vencedores, neste contexto, qual seria o tipo de narrativa da imagem com camadas suscetíveis de não serem jogadas para fora? Seria uma narrativa que estivesse encravada no interior do mundo das imagens sobre o continente africano, Didi-Huberman (2013), vai nos dizer que;

Esse mundo das imagens não rejeita o mundo da coerência, muito pelo contrário, mas joga com ele, isto é, entre outras coisas, cria lugares dentro dele-

como quando dizemos que há “jogo” entre as peças de um mecanismo -, lugares nos quais obtêm sua potência, que se dá aí como a potência do negativo (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 188 - 189).

Recriar a imagem do passado do continente africano é ter a força e a ousadia de rachar o negativo de uma imagem proveniente do colonial, é entender a força desta imagem no presente e o sentido que ela carrega; quando as suas camadas são cutucadas a partir do tempo presente, por outro lado, é trazer no presente questões que ainda estão enraizadas no colonial. Recriar a imagem do passado de África é trazer uma biografia do continente para o tempo presente, Reader (2002) em *África Biografia de um continente* conseguiu desenhar um retrato sobre o continente; este retrato não corresponde com aquilo que foi a imagem do passado na sua plenitude, porque o passado não pode ser resgatado, o seu retrato, aproxima-se das camadas que são possíveis serem vistas e sentidas a partir das estruturas na longa duração.

Entender a imagem do passado de África no presente, é fazer uma leitura que não foge da sua remontagem, é trazer a exposição de histórias tomando posições sobre os eventos que são sempre reservados para o passado, só a partir do presente é que os factos podem ser desmontados no presente, até aqui, entendemos que o passado de África é construído a partir do presente, porque toda a história se faz no tempo presente; o desmontar e montar é uma tarefa do historiador, a imagem do passado do continente deve ser olhado pelo ângulo de dois caminhos que forcem uma determinada confiança e a sua desconfiança. Para ser melhor percebido, articulo a tarefa de ir ao passado e pegar a imagem do passado africano com a preocupação de encetar critérios de validação, o desmontar e montar, seria um caminho a lograr para um critério, como afirma Didi –Huberman (2017):

A dialética, afirma Benjamin, é o “testemunho da origem”, na medida em que todo acontecimento histórico considerado para além da simples cronologia exige ser conhecido “numa dupla ótica (...), por um lado, como uma restauração, uma restituição; por outro, como algo que é, por isso mesmo, inacabado, sempre aberto”; maneira de desmontar cada momento da história remontando, fora dos “factos constatados”, àquilo que “toca a sua pré e pós-história” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 120-121).

A imagem do passado do continente deve ser validada, esta legitimação dependerá de quem ir buscá-la no passado; é no presente que se vai determinar como será feita esta validação, só com a operação historiográfica é que a imagem do passado de África será autenticada, a imagem faz parte da operação, ela é como se fosse um lubrificante que permite amaciar a passagem da memória para a história. Por outro lado, a imagem faz parte da montagem das peças que compõem, uma cronologia; o antes; o depois; e o acaso, ou seja; “a montagem é o estouro de anacronias porque procede como uma explosão da cronologia. A montagem separa coisas

habitualmente reunidas e conecta as coisas habitualmente separadas” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 123).

Ir para a imagem do passado africano é fazer um itinerário a partir das possibilidades das opções africanas; o passado e a sua imagem se inventam a toda hora, os usos do passado sobre África e as suas narrativas permitem que no presente exista estabelecimento de redes compondo histórias múltiplas, “cheias” de representações. Ao avançarmos aceleradamente para o passado, podemos esbarrar-nos em vários objectos, por isso, a imagem não nos leva só ao passado, a não ser que a imagem se refere ao passado. Ir ao passado, significa que estamos preocupados com o que ficou para atrás; avançar para o passado do continente africano e procurar sobre as imagens que hoje no presente são recriadas, será um problema para nós contemporâneos? Sim, porque ser contemporâneo é acima de tudo, estar preocupado com a temporalidade do outro, e estar sobre:

o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura. Por isso somos, apesar de tudo, contemporâneos a esse tempo (AGAMBEN, 2009, p. 65).

É estar também impressionado, por um lado com a imagem do passado africano que no presente, nós conseguimos entender; sua textura, sua cor e outros elementos que constituem a sua galáxia. Por outro lado, é estar ligado indiretamente com os novos sentidos da memória histórica sobre o continente africano em vários espaços e discursos. Neste contexto, estaríamos a nível de outro indicador para pensarmos naquela ideia de sermos contemporâneo? Sim, porque o foco contemporâneo na memória e na temporalidade também constrata inteiramente com muitos outros estudos introdutórios sobre categorias de espaço, mapas, geografias, fronteiras, rotas de comércio, migrações, deslocamentos e diásporas, no contexto dos estudos culturais e pós-coloniais. O tempo e espaço, como naipes essencialmente fortuitos de percebimento historicamente assentados, estão sempre internamente aglutinados entre si de maneiras difíceis, é a força dos desbordantes da dissertação da reminiscência, que caracteriza grande parte da cultura contemporânea em diversas partes do mundo de hoje... (HUYSSSEN, 2002).

Por isso, ir para o passado africano é dialogar com sua imagem, representada no visível de uma superfície que nela é possível escolher caminhos a serem trilhados nos limites daquilo que é exequível presenciar e o que não é possível enxergar. Se viajar para o passado africano é ir ao encontro de várias imagens sobrepostas nas dimensões de uma superfície, será que esta superfície permite que o viajante consiga encontrar os lugares pensados a partir do presente, antes do começo da sua viagem? Neste quesito, recriar a imagem do passado africano é escavar na sua superfície, e nela, tirar o máximo, de representações da imagem como cópia, ou seja,

representar aquilo que ao longo da viagem nós conseguimos observar a partir da janela do trem, é fazer com que a imagem do passado africano tenha ressonância e o reconhecimento dela, esteja acessível no “desaparecer às somas concebíveis do olhar, subsiste um espanto do dia-a-dia que não vem à exterior, ou cuja superfície é unicamente uma meta avançada, uma baliza que se distingue sobre o visível” (CERTEAU, 1994, p.172).

Recriar a imagem do passado africano é trazer uma representação do passado a partir do aparecimento de um determinado acaso na sua história, Didi- Huberman (2013) ao trabalhar com a questão do aparecimento; vai falar do surgimento da imagem recalcada, a figurar a vida através dos símbolos, representação com a capacidade de aproximar as coisas; similitudes, estruturas, processos de construção de configuração como construção no aproximar com o passado, daí negamos o caráter ficcional e criativo. Mas com uma arqueologia da superfície e do visível é possível recriar a imagem do passado africano; porque o historiador inquieta o passado e o presente, olhar sobre o passado a partir do presente é viajar a partir de dispositivos, só podemos compreender este passado africano porque ele está distante, por isso, olhar por este passado:

Seria compreender que a imagem é estruturada como um diante – dentro: inacessível e impondo sua distância por próxima que seja, pois é a distancia, por próxima que seja, - pois é a distância de um contato suspenso, de uma impossível relação de carne a carne. Isso quer dizer exatamente e de uma maneira que não é apenas alegórica – que a imagem é estruturada como Limiar. Numa imagem visual – pois visual é o acontecimento de sua partida; visual ainda, seu próprio desaparecimento, como um relâmpago de cordão; visual, sem dúvida, seu reaparecimento pode suportar, no exemplo Freudiano, algo como uma arqueologia do Símbolo (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 82).

Ao irmos ao passado africano, podemos tirar dele, imagens; embora que este passado esteja estático no passado, esperando por um viajante para poder conhecê-lo; o viajante ao narrar este passado depois de visitá-lo; ele tira uma fotografia que imobiliza, a vida é o movimento, mesmo quando o passado repousa em documentos, fotografias, cartas, memórias; vestígios e ruínas; a partir destes dispositivos, podemos encontrar o acontecido e o testemunho, por isso, o historiador não pode descrever a fotografia, mas sim olhar no devir e fazer com que as figuras presentes numa determinada imagem ganhem movimento; o historiador, assim como o narrador que viaja no tempo, tem o dever de deter o fluxo do tempo.

Para irmos ao passado africano é preciso recriá-lo, é preciso viajar sobre ele, é viajar a partir de conceitos que são mobilizados a partir de leituras sobre suas estruturas; viajar é preciso, se olharmos para o passado, tudo começou com “a viagem que alguns dos nossos remotíssimos antepassados iniciaram em algum lugar da África, em direção ao resto do mundo. Viajando, completam o processo de hominização: o homo Viator na origem do homo sapiens” (ROUANET, 1993, p. 7). Voltar ao passado africano, através de imagens acopladas em

narrativas, constitui o atuar com a memória na duração, em querer construir congelamentos; por isso, a imagem no presente precisa de ser rachada; a rachadura significa, retirar camadas do passado e deixar elas, livres dos espinhos adquiridos ao longo do tempo; por isso DiDi-Huberman (2013) vai afirmar que a imagem precisa ser rachada, ou seja:

Rachar ao meio a noção da imagem seria, em primeiro lugar, voltar a uma inflexão da palavra que não implique nem a imagística, nem a reprodução, nem a iconografia nem mesmo o aspecto “figurativo”. Seria voltar a um questionamento da imagem que pressuporia ainda a “figura figurada” – Refiro-me à figura fixada em objeto representacional -, mas somente a figura figurante, a saber, o processo, o caminho, a questão em ato, feita cores, feita volumes: a questão ainda aberta de saber o que poderia, em tal superfície pintada ou em tal reentrância da pedra, vir a ver visível (DIDI – HUBERMAN, 2013, p.187).

Uma iconografia da imagem do passado africano, independentemente da sua estrutura, carrega consigo várias dimensões, o seu aspecto “figurativo”, permite inscrever permanências no passado e no presente, por isso “Barthes (1957), em *Mitologias*, vai dizer que devemos sair da passividade do espectador, embrutecimento, manipulação daqueles que não sabem decodificar as imagens” (ROUX-LANIER; PIMBÉ; et al. 2007, p. 219). Qual seria o exemplo de uma imagem do continente africano restaurada, a partir de representações no tempo presente? Podíamos responder por palavras simples; mas por vezes os gráficos falam mais do que a apresentação dos dados, por isso, a imagem do passado continente africano quando transborda nos limites das suas possibilidades de leitura, atinge o seu estado de acomodação na temporalidade, só os viajantes preparados é que conseguem reparar possíveis equívocos.

Lima (2018) ao brindar-nos com uma linda capa no livro *Representações da África no Brasil: novas interpretações*; involuntariamente recria uma imagem de África no presente; até aqui, podemos considera-lo, como um viajante que consegue avistar no presente, como a imagem do passado do continente é lida na actualidade; a partir do grande público e também do meio académico, o resultado da imagem recriada vai se consubstanciar na cópia de uma imagem de África, “que restitua sua pluridade no campo da acção do discurso” (LIMA, 2018).

1 Figura – Imagem de África, reproduzida a partir do tempo presente.



Fonte: <https://www.bagaco.com.br/produtos/representacoes-da-africa-no-brasil-novas-interpretacoes-ivaldo-marciano-de-franca-lima/>

Ao apreciarmos a capa do livro de Lima (2018), entramos em transbordamento, face a sua expressão, ou mesmo, naquilo que a imagem da capa carrega no seu ventre e no seu aspeto visível. Daí, nos perguntamos que tipo de mensagem o autor quer demonstrar a partir da capa do livro? Mas é preciso viajar nas páginas do passado, ir ao desconhecido, para se poder saber a essência da imagem e a sua reprodutividade no presente, por isso, devemos lembrar o passado conforme nos orienta Gagnebin (2006, p. 103), “sim; mas não lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado”. Por isso, a imagem do passado continente ao ser retirada do passado e levada para o presente é arrancada da sua sepultura e a partir do presente é dilacerada, sua originalidade é posta em causa e a sua leitura é questionada no olhar viajante do tempo.

Considerações finais

A imagem do continente africano no passado será sempre acoçada a partir de questionamentos vindos do presente, realimentar as narrativas sobre o continente africano na duração é acarretar a gravidade de imagens, oriundas das narrativas da galáxia do seu passado. Recriar será sempre uma tarefa de um velejador que procura alcançar imagens na grande imensidão do passado, por isso a imagem do passado do continente, seja qual for a sua representação nos olhos de quem chegar perto dela, sua leitura, passará numa têmpera, onde a interpretação ligará o simbólico até ao mundo do imaginário, constituindo desta forma, camadas do tempo social, político e o tempo cultural, alicerces que constituem a imagem do seu passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó, Sc: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas Volume 1**. Trad. Sergio Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc. **A história, os homens e o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1. Artes de Fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 2013.

_____. **O que vemos. O que nos olha**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. **Quando as Imagens Tomam Posição: o olho da história, 1**. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HORTON, James Africanus Beale. **West African Countries and Peoples**. Ed. G. Shepperson. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1969.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

KABOU, Axelle. **E se a África recusasse o desenvolvimento?** Luanda: Edições Pedagogo e Edições Mulemba, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2014.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Representações da África no Brasil: Novas interpretações**. Recife: Bagaço, 2018.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: **Significado nas artes visuais**. São Paulo Perspectiva, 1976. p 47-87.

READER, John. **África Biografia de um continente**. Mira-Sintra – Mem Martins: Publicações Europa América, 2002

ROUANET, Sergio Paulo. **A razão nômade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

ROUX-LANIER, Catherine; PIMBÉ, Daniel; et al. **A cultura Geral de A a Z**. Lisboa: Platano Editora, 2007.

SAHLINS, Marshall. **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios do reino da ilha de Sandwich**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ZELEZA, Paul Tiyambe. **Encyclopedia of 20 African History**. In: Development of African Historiography. Palgrave, p.143 – 149, 2003.

Recebido em: 23/09/2021

Aprovado em: 10/11/2021